

Regularidades e dispersões no discurso de Oprah Winfrey

Regularities and dispersions in Oprah Winfrey's discourse

Fabiane LEMES (UFU)

lemesfabiane.ufu@gmail.com

Giselly Tiago Ribeiro AMADO (UFU)

giselly@ufu.br

Isabella Zaiden Zara FAGUNDES (UFU)

izaiden@gmail.com

Recebido em: 22 de maio. de 2020.

Aceito em: 15 de jun. de 2020.

LEMES, Fabiane; AMADO, Giselly
Tiago Ribeiro; FAGUNDES, Isabella
Zaiden Zara. Regularidades e
dispersões no discurso de Oprah
Winfrey. **Entrepalavras**, Fortaleza,
v. 10, n. 3, e1932, p. 1-17, set.-
dez./2020. DOI: 10.36517/2237-6321-
31932.

Resumo: Neste artigo, objetivamos analisar o discurso de Oprah Winfrey na premiação do Globo de Ouro, em 2018, a fim de compreender como se estabelece o lugar de fala da mulher negra a partir das posições-sujeito constituídas pelas regularidades e dispersões em movimento. Para tanto, nosso embasamento é nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso aliados aos construtos de Michel Pêcheux, no que tange ao funcionamento discursivo, e nos estudos arquegenealógicos de Michel Foucault, mobilizando alguns conceitos como relações de poder, interdição, objetivação, subjetivação. A essa base referencial teórica, articulamos as condições de produção do discurso de Oprah atravessado constantemente pelas relações de poder. Analisamos, portanto, os elementos que nos permitem compreender o deslocamento da mulher negra, no que tange à marginalização, à segregação racial, ao racismo e aos atos de extrema violência, dando ênfase à violência sexual. Consideramos o discurso de Oprah como um lugar do mesmo, pelas regularidades, e da ruptura, pelas dispersões.

Palavras-chave: Relações de poder. Efeitos de sentidos. Mulher negra.

Abstract: In this paper, we aim to analyze Oprah Winfrey's discourse at the Golden Globe awards in 2018, in order to understand how the black woman's place of speech is established from the subject positions constituted by regularities and dispersions in motion. Therefore, our basis is on the theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis allied to Michel Pêcheux's constructs, with regard to the discursive functioning, and in the archeological studies of Michel Foucault, mobilizing some concepts such as power relations, interdiction, objectification, subjectivation. To this theoretical reference basis, we articulate the conditions of production of Oprah's discourse, constantly crossed by power relations. We analyze, therefore, the elements that allow us to understand the displacement of black women, regarding marginalization, racial segregation, racism and acts of extreme violence, emphasizing sexual violence. We consider Oprah's discourse, as a place where the discourse tends to remain by the regularities and rupture by the dispersions.

Keywords: Power relations. Sense effects. Black women.

Introdução

No dia sete de janeiro de 2018, durante a premiação do Globo de Ouro, uma mulher negra fez história ao discursar para o mundo sobre a igualdade de direitos entre os sexos, as raças, e a importância da força e da luta em prol de uma equidade social. Oprah Winfrey (GARSON, 2004), apresentadora, atriz e empresária estadunidense, ao receber o prêmio *Cecil B. DeMille*¹, destinado a pessoas que contribuem de forma significativa ao entretenimento, fez um discurso² por meio do qual sua voz ecoou em diversos veículos midiáticos.

Na oportunidade, Oprah enfatizou o fato de ser a primeira mulher negra a receber o prêmio, categorizando o acontecimento como um marco que acena para a mudança de um cenário violento e opressor, que persiste por tanto tempo de forma a afrontar essa minoria. Vinda de uma família extremamente pobre e campesina do Mississippi, ela teve uma infância traumática marcada por abandonos, perdas e diversos abusos sexuais desde os seus 9 anos. Para se livrar da violência, dos estupros constantes e das ameaças que sofria para não denunciar seus algozes, armou-se de coragem e, aos 13 anos, saiu de casa. Posteriormente formou-se com seu pai, em Nashville. Aos 14, deu à luz precocemente, seu filho nasceu e faleceu poucas horas depois, em 1968.

Mesmo oprimida e subjugada, Oprah se engajou nos estudos sem se abater. Leitora assídua, ela então ganhou uma bolsa de estudos

¹ Sobre o prêmio disponível: <<https://www.goldenglobes.com/cecil-b-demille-award-o>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

² Sempre que nos referirmos ao discurso de Oprah, significa que é o pronunciamento público dela durante o Globo de Ouro e não o discurso compreendido por Pêcheux como "efeito de sentidos" entre os pontos A e B" (1997, p. 82), ou seja, entre os interlocutores.

integral para cursar comunicações na Universidade do Estado de Tennessee, formando-se também em rádio e televisão. Sua dedicação logo confluía em sua carreira televisiva, tornando-a a primeira mulher negra e a mais jovem âncora de notícias da história da emissora WLAC-TV. Desde então, Oprah viu em sua notoriedade mundial uma possibilidade de atuar de forma ativa na luta pelos direitos daqueles que foram relegados à margem da sociedade desde os primórdios, principalmente mulheres e negros, características que a constituem biológica e fenotipicamente.

Neste artigo, analisamos o discurso de Oprah na premiação do Globo de Ouro 2018, a partir de posições-sujeito que constituem o sujeito mulher negra. A análise segue a metodologia qualitativa, aliando os preceitos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa num batimento entre a descrição e a interpretação (PÊCHEUX, 2006). Nosso objetivo é analisar as regularidades e as dispersões presentes na discursividade de Oprah, bem como seu funcionamento, pois “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2006, p. 53).

Portanto, por meio desse gesto interpretativo e a partir da análise, encontramos tais regularidades enunciativas que emergem a reatualização de já-ditos, bem como deslocamentos que possibilitam outros sentidos, o que chamamos de dispersões ou rupturas. Estes deslocamentos são possibilitados por processos polissêmicos que permitem a inscrição de sentidos outros, possíveis numa dada formação social (ORLANDI, 2015).

Ao buscarmos a bibliografia que envolve o campo de estudo ao qual nos dedicamos no artigo, em especial os efeitos do racismo sobre a mulher negra, percebemos que muitos autores se ocuparam em realizar vários trabalhos (MBEMBE, 2018; RIBEIRO, 2017; QUIJANO, 2005; HOOKS, 2008; COLLINS, 2017; DAVIS, 2016), porém, têm se voltado para os processos históricos de dominação em que hierarquias foram estabelecidas com base na raça. Nosso olhar se volta para as posições-sujeito mulher negra que funcionam no discurso de Oprah pelas regularidades e dispersões.

A relevância do trabalho está na contribuição para a área dos estudos da língua(gem), sobretudo para a Análise de Discurso, na tentativa de abranger uma interpretação sócio-histórica das posições-sujeito que envolvem a constituição do sujeito mulher negra, para que,

dessa forma, possamos compreender como se estabelece o lugar de fala da mulher negra.

Dispositivos de análise

Para o campo teórico da Análise de Discurso, bem como para os estudiosos do discurso, interessam as questões referentes à linguagem em uso, responsáveis por trazer à tona ou apagar determinado sentido, ou seja, suas condições de produção, definidas por fatores sociais, históricos, culturais e ideológicos. Esses, por sua vez, determinam as possibilidades discursivas (PÊCHEUX, 1995). Assim sendo, os estudos sobre o discurso se voltam principalmente às questões de natureza ideológica, cuja premissa está centrada na dialética contextual. Logo, para que tais condições sejam apreendidas, certos conceitos se fazem fundamentais, por exemplo, as regularidades enunciativas.

Conforme Foucault (2008), as regularidades enunciativas possibilitam-nos compreender, em uma análise discursiva, os sentidos que se repetem, estabilizando, assim, representações. Tais regularidades, de ordem física e social, legitimam saberes, os quais geralmente são fruto da *vontade de verdade* (FOUCAULT, 1996) de certos grupos em relação a outros, ou seja, a construção de uma verdade, proveniente das relações de poder, a qual geralmente culmina na eternização (BOURDIEU, 2010) de certas práticas e na discriminação de outras.

Essas práticas, aqui assumidas em âmbito discursivo, são responsáveis por nossa subjetivação em sujeitos.

Há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a (FOUCAULT, 1995, p. 235).

Logo, somos sujeitos sutilmente “fabricados” (LOURO, 1997) por práticas sociais, das quais resulta nossa identidade jamais pronta ou acabada. Por conseguinte, o sujeito é resultado dos mecanismos de subjetivação que lhe são exteriores, o que faz dele produto das relações de saber e de poder.

Aliados a isso estão os processos de objetivação, entendidos como “as práticas sociais que fazem do homem um objeto” (FONSECA, 2003, p. 25). Tais práticas, em que “o sujeito é dividido no seu interior e em relação a outros” (FOUCAULT, 1995, p. 231), são denominadas

objetivação e possibilitam compreender como o sujeito veio a ser, em dado momento histórico, objeto dócil e útil. Assim sendo, ambos os processos, de subjetivação e objetivação, determinam conjuntamente a identidade do sujeito.

Nessa perspectiva, é impossível pensar em identidades sem levar em consideração as relações de poder inscritas nas dinâmicas sociais, “o exercício do poder [...] é um modo de ação de alguns sobre outros [...] o poder só existe em ato” (FOUCAULT, 1995, p. 242). As relações de poder embasam teoricamente este trabalho, haja vista o apagamento dos negros e das mulheres ao longo da história, o que culminou na invisibilidade social desses grupos minorizados. Desse processo, originaram frutos de supressão, preconceito e marginalização que ainda perduram, o que permite criar formas de resistência contra imposições políticas e sociais, contra formas de dominação que submetem os corpos a normatizações de cunho social.

Dito isto, entendemos os corpos em sua relação com a língua(gem), em uma *dimensão simbólica* (HASHIGUTI, 2015), os quais significam pela *memória discursiva* (PÊCHEUX, 1999), isto é, o espaço de retomada de discursos anteriores em que há o embate ideológico, que tendem a restabelecer os implícitos, resgatando os já-ditos que influenciam os sentidos e permitem que emergjam os não-ditos. A memória discursiva se configura como *espaço do mesmo e da ruptura* (PÊCHEUX, 1999) e restabelece os discursos transversos, ou seja, os pré-construídos (HENRY, 1997), imbricados na busca pela produção de sentidos.

Apesar do caráter irrepetível da língua, uma vez que os sentidos não são fixos, entendemos por “mesmo” a reatualização/reestruturação dos discursos já-ditos a partir da relação entre memória e atualidade. Assim, os sentidos se (re)significam mediante inscrições sócio-histórico-ideológicas intrínsecas a cada período histórico. Essa repetição do mesmo é possibilitada pelos processos parafrásticos, isto é, pela regularização dos sentidos pelo interdiscurso, aquilo que fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, ou seja, um já-dito. (PÊCHEUX, 1995).

A manutenção do espaço do mesmo se dá pelas regularidades que funcionam também nas *sociedades disciplinares* (FOUCAULT, 1999), as quais são estabelecidas historicamente pelo desenvolvimento de técnicas de disciplinarização dos corpos com métodos que estruturam preceitos de poder e submissão. Assim, o poder está ligado principalmente

ao corpo, pois a ele são destinados os princípios que doutrinam a sociedade atual, a saber: proibir, limitar, obrigar. Ao longo dos anos, esses modos de submissão adquiriram sutileza, de modo a alcançarem certa universalidade oriunda da normatização.

Por conseguinte, esses métodos de disciplinarização dos corpos garantem a dominação de povos, pois buscam a sujeição a regras, hábitos, diretrizes, os quais precisam ser obedecidos e internalizados, alcançando legitimidade e normatização. A fim de fundamentar essas afirmações, a Análise de Discurso propõe conceitos que operam, concomitantemente, num batimento entre descrição-interpretação (ORLANDI, 2015), em que se verificam estratégias linguísticas, a construírem sentidos que emergem das materialidades, ou seja, dos discursos.

Sobre a materialidade do discurso, Foucault (1996) pondera que qualquer discurso é inegavelmente de poder, se um discurso se torna universal, ele provavelmente foi corroborado por instituições de poder no intuito de excluir/marginalizar aqueles que resistem às normatizações. A produção de discursos não é imotivada porque existe um controle cuja função é selecionar, organizar e redistribuir estratégias que delimitem tal produção, de forma a evitar subversões. Portanto, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). O discurso predominante é erigido mediante tecnologias de controle e exclusão, e por dispositivos que o classificam e disseminam na sociedade.

É uma questão de controle e exclusão, a concepção de gênero como uma identidade frágil (BUTLER, 2003), estabilizada mediante repetições por meio de atos e na estilização do corpo. Assim, o gênero, enquanto identidade, visa a submeter os corpos, gestos e comportamentos à normatização social. Os estudos sobre as identidades de gênero estão imbricados ao feminismo e ao movimento social linguístico e político que fundamenta suas lutas. Os gêneros de identificação sexual estão constantemente atravessados por uma rede de poder (LOURO, 1997).

O gênero deve ser compreendido como dispositivo político que atua sobre os corpos sexuados predominantemente por construções históricas e sociais. Por dispositivo compreendemos:

discursos, instituições, [...] proposições filosóficas, morais [...]. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos... [e entre estes] existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes [cuja finalidade] é responder a uma

urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 1979, p. 244-245).

O dispositivo correlaciona microinstâncias, as quais dão origem a micropoderes que utiliza mecanismos para objetivar, disciplinarizar a sociedade como um corpo dócil. Nessa perspectiva, também atua como dispositivo social o conceito de raça, importante aqui em razão do nosso *corpus*. Trata-se de uma discursividade produzida por uma mulher negra, subjetivada nesse estrato social que determina o outro, o não branco, aquele que está em posição hierárquica inferior. Nesse sentido, a raça é entendida mediante o princípio classificatório, o sujeito de “exterioridade selvagem”. Em outras palavras, a raça marca o não lugar (MBEMBE, 2018).

Assim sendo, a raça está além do ser, já que opera no imaginário como exercício de poder. É, portanto, um meio de normatizar a exclusão, de apagar, de estigmatizar, de estabelecer limites, de desqualificar moralmente e de promover hierarquia em razão da sua capacidade de identificar grupos. Em suma, “a raça é, simultaneamente, ideologia e tecnologia do governo” (MBEMBE, 2018, p. 71), e também atravessada pelas relações de poder.

O discurso de Oprah

É da posição de mulher, negra, que Winfrey enfatiza esse não lugar atribuído a tais grupos ao longo dos séculos, além de confrontar a normatização da exclusão e do apagamento dos minorizados ao assumir seu lugar de fala e sua visibilidade social ao receber o prêmio. Vejamos:

Em 1964, eu era uma pequena garota sentada no piso de linóleo da casa da minha mãe em Milwaukee assistindo Anne Bancroft apresentar o Oscar de Melhor ator na 36ª edição dos Prêmios da Academia.

Ela abriu o envelope e disse cinco palavras que literalmente fizeram história: ‘O vencedor é Sidney Poitier’. Subiu ao palco o homem mais elegante que eu me lembro. Sua gravata era branca, sua pele era negra. E ele estava sendo celebrado.

Eu nunca tinha visto um homem negro celebrado daquela forma. Eu tentei muitas, muitas vezes explicar o que um momento como aquele significa para uma pequena garota, uma criança assistindo dos assentos baratos enquanto minha mãe entrou pela porta exausta de limpar as casas de outras pessoas.

Mas tudo o que posso fazer é citar e dizer que a explicação está na performance de Sidney em ‘Uma voz nas sombras’: ‘Amém, amém, amém, amém’.

Em 1982, Sidney recebeu o prêmio Cecil B. DeMille bem aqui no Globo de Ouro e eu não deixo de perceber, neste momento,

há algumas pequenas garotas assistindo enquanto eu me torno a primeira mulher negra a receber este prêmio.

É uma honra. É uma honra e um privilégio compartilhar esta noite com todas elas e também com os homens e mulheres incríveis que me inspiraram, que me desafiaram, que me mantiveram e que fizeram minha jornada a este palco possível. Dennis Swanson, que se arriscou comigo em 'A.M. Chicago'. Quincy Jones, que me viu no show e disse a Steven Spielberg: sim, ela é a Sophia de 'A cor púrpura'. Gayle que tem sido a definição do que uma amiga é. E Stedman, que tem sido a minha rocha. Apenas para nomear alguns.

Quero agradecer a Associação de Imprensa Estrangeira em Hollywood porque todos nós sabemos que a imprensa está sitiada nestes dias. Nós também sabemos que é a dedicação insaciável em descobrir a verdade absoluta que nos impede de nos fingir de cegos em relação à corrupção e à injustiça, a tiranos e vítimas, e segredos e mentiras.

Quero dizer que eu valorizo a imprensa mais do que nunca antes enquanto tentamos navegar estes tempos complicados, o que me traz a isto: o que eu sei com certeza é que dizer a verdade é a ferramenta mais poderosa que temos.

E eu estou especialmente orgulhosa e inspirada por todas as mulheres que se sentiram fortes o suficiente e empoderadas o suficiente para denunciarem e compartilharem suas histórias pessoais. Cada uma de nós nesta sala somos celebradas por causa das histórias que contamos, e este ano nós nos tornamos a história.

Mas não é apenas uma história afetando a indústria do entretenimento. É uma que transcende qualquer cultura, geografia, raça, religião, política ou local de trabalho. Então eu quero esta noite expressar minha gratidão a todas as mulheres que aguentaram anos de abuso e assédio porque elas, assim como minha mãe, tinham crianças para alimentar e contas para pagar e sonhos para seguir.

Elas são as mulheres cujos nomes nunca saberemos. Elas são as trabalhadoras domésticas e as fazendeiras. Elas estão trabalhando em fábricas e elas trabalham em restaurantes e elas estão na academia, engenharia, medicina e ciência.

Elas são parte do mundo da tecnologia e da política e dos negócios. Elas são nossas atletas nas olimpíadas e elas são nossos soldados no exército.

E há alguém mais. Recy Taylor, um nome que eu conheço e eu acho que vocês deveriam também. Em 1944, Recy Taylor era uma jovem esposa e mãe voltando para casa depois da missa que ela tinha ido em Abbeville, Alabama, quando foi sequestrada por seis homens brancos armados, estuprada, e deixada vendada no canto da estrada da volta da igreja.

Eles ameaçaram matá-la se ela contasse a alguém, mas sua história foi reportada pela Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor, onde uma jovem trabalhadora chamada Rosa Parks se tornou a investigadora principal em seu caso e juntas elas buscaram justiça.

Mas justiça não era uma opção na era de Jim Crow. Os homens que tentaram destruí-la nunca foram processados. Recy Taylor morreu há dez dias, perto do seu aniversário de 98 anos. Ela [Recy] viveu, como muitas de nós vivemos, muito tempo em uma cultura destruída por homens brutalmente poderosos.

Por muito tempo, as mulheres não foram ouvidas e foram

desacreditadas se ousassem falar a verdade diante do poder daqueles homens. Mas já deu a sua hora. Já deu a sua hora. Já deu a sua hora. E eu espero que Recy Taylor tenha morrido sabendo a verdade dela, assim como a verdade de muitas outras mulheres que foram atormentadas naqueles anos, e até agora são atormentadas, continua a marcha.

Estava em algum lugar no coração de Rosa Parks quase 11 anos depois, quando ela tomou a decisão de ficar sentada naquele ônibus em Montgomery, e está aqui com cada mulher que escolhe dizer: “Eu também”. E com cada homem, cada homem que escolhe ouvir.

Em minha carreira, eu sempre dei meu melhor para, seja na televisão ou através de filmes, falar algo sobre como homens e mulheres realmente se comportam. Falar como nós vivemos vergonha, como nós amamos e como nos enfurecemos, como nós falhamos, como nos recolhemos, perseveramos e como nós nos superamos.

Eu entrevistei e interpretei pessoas que passaram por algumas das coisas mais feias que a vida pode jogar em você, mas a qualidade única que todas elas parecem compartilhar é a habilidade de manter a esperança por uma manhã mais brilhante, mesmo durante nossas noites mais escuras.

Então, eu quero que todas as garotas assistindo aqui, agora, que saibam que um novo dia está no horizonte. E que quando este novo dia finalmente chegar, será por causa de muitas mulheres magníficas, muitas delas aqui nesta sala esta noite, e alguns homens fenomenais, lutando duro para ter certeza de que elas se tornem as líderes que nos levem a um tempo em que ninguém jamais tenha de dizer ‘Eu também’ novamente.”³

Oprah começa seu discurso rememorando o acontecimento que a atravessou desde a infância, a primeira vez em que um homem negro era reconhecido e homenageado, lugar que antes só era ocupado por brancos. A posição-sujeito (PÊCHEUX, 1995) de Oprah marca o lugar do negro como inferiorizado, “eu tentei muitas, muitas vezes explicar o que um momento como aquele significa para uma pequena garota, uma criança assistindo dos assentos baratos”.

Nessa formulação linguística há a garota pobre, que, no/pelo interdiscurso, permite-nos compreender se tratar de uma condição econômica desfavorecida e agravada por ser negra. No enunciado, temos o verbo “tentar”, que acrescenta a noção de tentativa sobre algo não efetivado, uma vez que, ao tentar, não há a garantia de que o objetivo seja alcançado. A repetição do advérbio “muitas” enfatiza a dificuldade

³ Optamos por analisar o discurso em língua portuguesa, porém recorremos à transcrição do pronunciamento original em língua inglesa em um batimento para conferirmos os efeitos de sentido. Versão em língua portuguesa, disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/oprah-winfrey-e-homenageada-no-globo-de-ouro.ghtml>>. Acesso em: 20 mai. 2020.. E versão em língua inglesa, disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/01/07/movies/oprah-winfrey-golden-globes-speech-transcript.html#:~:text=In%20my%20career%2C%20what%20I,persevere%2C%20and%20how%20we%20overcome>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

de Oprah em expressar o significado daquele momento para ela e indica que a ação de “tentar” foi realizada várias vezes, sem uma determinação temporal específica dentro da linha do tempo, esta compreendida entre os dias em que Sidney e Oprah receberam seus respectivos prêmios.

Quando se refere a si mesma, ecoa um eu-menina-marginalizada, espaço de silenciamento, em que os negros são definidos e colocados em uma posição de inferioridade pelos brancos. O silenciamento é da ordem de uma ação sobre o outro, de maneira que ao negro cabe o silêncio, em que tem o branco “praticando o alterocídio, isto é, constituindo o outro não como semelhante a si mesmo, mas como objeto” (MBEMBE, 2018, p. 27). Pelo discurso de Oprah, recai o sentido de ineditismo, ao ver um homem negro ser celebrado de maneira não convencional, “eu nunca tinha visto um homem negro celebrado daquela forma”.

No advérbio “nunca”, há o efeito de sentido de que em hipótese alguma Oprah tinha visto um negro ocupar uma posição de destaque, o que funciona na paráfrase “eu sempre tinha visto um homem branco celebrado daquela forma”. Em ambos os casos, no enunciado e na paráfrase proposta, há na temporalidade dos advérbios o sentido estabilizado que é da ordem da homogeneidade, por isso, a premiação de Sidney constrói um Eu-possível-histórico, que funciona como uma representação em que o lugar do branco pode ser ocupado pelo negro que tem o *lugar de fala* (RIBEIRO, 2017). Sob tal ótica, aqueles que foram minorizados se tornam protagonistas e falam por si.

As representações são constituídas por determinações sócio-históricas estabelecidas nas/pelas *relações de poder* (FOUCAULT, 1979; 1999) que, por meio de mecanismos, podem atuar como forças coercitiva, disciplinadora e controladora nas relações entre os sujeitos. As representações sobre o negro são sustentadas no/pelo dizer, produzindo efeitos de sentido de que ao negro há limitações que o mantêm em um lugar de inferioridade.

No momento em que Sidney sobe ao palco, Oprah se refere a ele como “o homem mais elegante”, cuja elegância representa a posição-sujeito antes ocupada somente pelo branco. Ao ressaltar a cor da gravata, “branca, ressoa a representação da elegância, que recai para as relações de poder, como se houvesse uma locução conjuntiva concessiva “apesar de”, nessa injunção discursiva. Desta maneira, o sentido parafrástico que funciona é o “apesar de a pele ser negra, mesmo assim, ele ocupa um lugar de poder”.

Este lugar de poder passa a ser ocupado por Oprah, que se constitui no Eu-possível-histórico e rompe com o eu-menina-marginalizada, momento em que o transfere para “algumas pequenas garotas” que a assistem se tornar “a primeira mulher negra a receber este prêmio”, após cinquenta e quatro anos que o primeiro homem negro foi celebrado. Ocorre uma não-identificação, por parte de Oprah, com a posição-sujeito marginalizada, que passa a ser enunciada na terceira pessoa do feminino plural.

Em “elas são as mulheres cujos nomes nunca saberemos”, há uma referência à posição-sujeito de resistência, quando Oprah faz referência às mulheres, englobando negras e brancas, que resistiram e continuam resistindo aos abusos, às violências, às imposições. Para resistir é necessário que se resista a algo/alguém que oprime, o que se configura numa microinstância de resistência aos moldes sociais vigentes responsáveis por objetivar a mulher em relação ao homem. Ao mesmo tempo em que usa o pronome pessoal na terceira pessoa do plural “elas”, Oprah não se inclui nesse lugar, uma vez que não se descola do Eu-possível-histórico.

Ao trazer os nomes de duas mulheres negras, Recy Taylor e Rosa Parks, há a referência específica à posição-sujeito de resistência mulher negra que exclui as brancas momentaneamente, e as reinclui ao enunciar “Recy Taylor, um nome que eu conheço e eu acho que vocês deveriam também”. O verbo “achar” está no entremeio da certeza e da dúvida, deslizando para a certeza do sujeito que fala ao colar, no discurso, os saberes desse sujeito. O sentido de certeza é reforçado pelo verbo “deveriam”, condicionando a ação a uma expectativa pelo próprio ato discursivo de contar a história de Recy na sequência, o que funciona em “vocês devem conhecer”.

Ao trazer a história de Recy, compreendemos que o abuso resulta do fato de ser mulher, mas a ausência de justiça predomina pela cor da pele da vítima, quando sua denúncia é ignorada, especialmente por ter acontecido na era Jim Crow, período histórico em que a violência a negros era legitimada pela lei, perpetuando a invisibilidade social dos negros e fortalecendo o regime segregacionista.

A era Jim Crow foi muito rígida contra os direitos dos negros, mantendo-os em desvantagem econômica, educacional e social, o que facilitava a subalternização, e o fato de ser mulher agravava ainda mais a situação. Sendo assim, constituiu-se um ato de resistência dupla, o fato de Rosa permanecer sentada no ônibus, cujos assentos deveriam

ser cedidos aos brancos em caso de lotação. Rosa foi presa por infringir a lei e sofreu consequências pela sua atitude, como a perda do emprego. O ato de resistência dela inicia um movimento de boicote ao sistema de transporte público e culmina em uma luta pelos direitos civis, denotando a construção identitária não somente dos negros, mas da sociedade como um todo, pois destaca as injustiças sociais que perduram hodiernamente, uma vez que (re)significam pela memória discursiva.

A memória discursiva é constituída pela repetição do discurso, mediante características coletivas que têm um funcionamento sócio-histórico que se estabelece pela noção de regularização/retomadas de sentidos, cuja ressignificação não é da ordem do ineditismo, pois funciona pela manutenção do dizer, ou seja, pela repetição do sentido e não pela repetição palavra por palavra. Ao mudar o regime de regularização de sentidos, há uma ruptura que é vista quando o sujeito do discurso não se identifica mais com o lugar discursivo. No caso de Oprah, essa ruptura acontece quando ela rompe com o lugar discursivo do sujeito eu-menina-marginalizada para ocupar o lugar discursivo do sujeito Eu-possível-histórico.

Sendo assim, a memória discursiva a qual atravessa Oprah enquanto sujeito é constituída pela história de Recy e de Rosa, como representação de sujeito de resistência mulher negra. A partir do momento em que Oprah compartilha o que sabe delas com o público, torna-se possível uma identificação pelo atravessamento de discursos. Dessa maneira, os nomes próprios Recy e Rosa não ficam sem referências para aqueles que não as conheciam. Portanto, ao compartilhar o seu saber, Oprah abre a possibilidade da identificação e da constituição dessa memória discursiva.

Em ambas as histórias, o espaço de resistência se deu pelo corpo. Recy sofreu a violência que marcou o seu corpo e o usou para denunciar os agressores que lhe exigiram o silêncio. Com relação à Rosa, havia a limitação do corpo no espaço em que dividia com o branco dentro do ônibus, mas, ao permanecer sentada, transgrediu a lei. Assim, quando Recy e Rosa enfrentaram as imposições exigidas ao corpo da mulher negra, houve a ruptura da interdição (FOUCAULT, 1996) e do silenciamento esperado.

A *interdição da palavra* (FOUCAULT, 1996) se dá pelo silenciamento que recai na vontade de verdade, agindo de forma coercitiva sobre os outros discursos, atravessando-os de maneira a limitar arbitrariamente as relações de poder, a fim de impor uma

verdade. Uma vez que a verdade não pode ser dita, a vontade de verdade é mascarada pela “verdade” imposta e somente uma das faces do saber é mostrada. Esse funcionamento está em “eu espero que Recy Taylor tenha morrido sabendo a verdade dela, assim como a verdade de muitas outras mulheres”.

Ao determinar a “verdade” especificamente de Recy e de “muitas outras mulheres”, há um funcionamento discursivo que corrobora a vontade de verdade como fruto das relações de poder. Oprah, mais uma vez, não se inclui ao se referir às situações de injustiças e à condição de marginalidade em que as mulheres estão, utiliza o pronome possessivo “dela”, referência à Recy, e o pronome indefinido “outras”, o que denota uma imprecisão genérica, que a mantém na posição-sujeito Eu-possível-histórico.

Oprah permanece na posição-sujeito Eu-possível-histórico, quando enuncia “está aqui com cada mulher que escolhe dizer: ‘Eu também’. E com cada homem, cada homem que escolhe ouvir”. As orações estão no presente do indicativo que é o tempo verbal em que recai o sentido das verdades absolutas. Ao enunciar “escolhe”, Oprah estabelece duas opções a cada mulher e duas a cada homem, sendo que uma das opções de ambos está no dito (dizer/ouvir) e a outra no não-dito (não dizer/não ouvir).

O uso do pronome indefinido invariável “cada” refere-se à mulher e também ao homem, porém há a possibilidade de o efeito de sentido funcionar para “todas/todos” que escolhem dizer/ouvir, o que abrange de forma homogênea e engloba “todas as mulheres” e “todos os homens”. Há ainda a possibilidade de abrangência com uma imprecisão genérica, pois não se sabe com exatidão quem são “cada uma dessas mulheres” e “cada um desses homens”.

Os verbos “dizer” e “ouvir”, apesar de estarem no infinitivo e expressarem ação, têm um funcionamento diferente. Enquanto “dizer” está ligado a uma ação que requer uma atitude ativa, para “ouvir” basta a passividade ao ato. Assim, na formulação de Oprah, à mulher cabe o posicionamento diante das injustiças e a ação de denunciar, já ao homem cabe o gesto de escuta, reforçado na repetição “cada homem, cada homem”.

Há um funcionamento discursivo em que Oprah está incluída na escolha entre dizer e não dizer, pois o que está envolvido no discurso é a possibilidade do ato de sororidade (LAGARDE, 2006), em um movimento que busca a equidade entre os gêneros, por intermédio

da empatia pelas causas sociais emergentes, *MeToo*⁴ e *Time's Up*⁵, as quais Oprah menciona, para que haja o engajamento das pessoas que assistem ao discurso. E pela repetição de que “esse tempo acabou”, o sentido que ressoa é o de que ainda estamos em um tempo em que há o silenciamento da mulher, uma vez que a vítima de estupro normalmente é desacreditada e culpabilizada pelo crime, como, por exemplo, devido ao modo de se vestir, o que produz o efeito de apagamento da culpa do agressor.

Logo, ao trazer tais causas sociais, Oprah se identifica com as personagens que interpretou e com as pessoas que entrevistou durante a carreira como comunicadora, mantendo-se na posição-sujeito Eu-possível-histórico. Embora haja identificações com o sujeito marginalizado, marcadas pelo uso do pronome pessoal na primeira pessoa do singular “eu” e do plural “nós”, a aproximação acontece pelo atravessamento profissional, o qual permite certo funcionamento que recai no uso de “mesmo”, com o sentido de “apesar de”, produzindo um efeito de resistência, isto é, “habilidade de manter a esperança por uma manhã mais brilhante, [mesmo durante]/[apesar de] nossas noites mais escuras”.

Oprah encerra seu discurso na posição-sujeito Eu-possível-histórico, a primeira mulher negra a receber o prêmio Cecil B. DeMille. Ao enunciar “eu quero que todas as garotas assistindo aqui, agora, que saibam que um novo dia está no horizonte”, há um efeito pelo verbo volitivo “querer” na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (“quero”), que expressa a vontade do sujeito e funciona como um sentido imperativo com uma projeção futura, pois a intensidade do verbo está no objetivo a se atingir. Quem quer, quer alguma coisa que ainda não possui.

“Eu quero que todas as garotas”: há uma exigência no dizer em que “eu” projeta sobre a referência “todas as garotas” o sentido de equidade. Assim como a premiação de Sidney provocou um deslocamento em Oprah, ela quer que a premiação dela provoque um deslocamento em “todas as garotas”, englobando, de uma maneira homogênea, tanto as garotas negras quanto as garotas brancas. No enunciado, funciona o sentido de que “todas as garotas” na posição eu-menina-marginalizada também podem romper com este lugar para se identificarem com o Eu-possível-histórico.

⁴ Disponível em: <<https://metoomvmt.org/about/>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

⁵ Disponível em: <<https://timesupnow.org/>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

Tal identificação parte do pressuposto de que acontece um movimento de sororidade atribuído pela locução prepositiva “por causa de”, presente no enunciado “por causa de muitas mulheres magníficas, muitas delas aqui nesta sala esta noite, e alguns homens fenomenais”. Neste momento do discurso, há um efeito de sentido que não recai somente em Oprah, mas ecoa em “muitas mulheres magníficas” e “alguns homens fenomenais”, para que “todas as garotas” rompam com o eu-menina-marginalizada e se desloquem para o Eu-possível-histórico, o que compreendemos como a efetivação da equidade.

Considerações finais

Durante o discurso de Oprah, compreendemos o percurso discursivo marcado inicialmente pela posição-sujeito eu-menina-marginalizada, que se encontra no espaço do mesmo, enquanto constituída pelas regularidades que reforçam e estabilizam sentidos, recaindo no silenciamento e na inferiorização da mulher negra. Na ruptura, o discurso é marcado pela posição-sujeito Eu-possível-histórico, à medida que Oprah se descola do eu-menina-marginalizada pelo gesto de escuta e toma o lugar de fala.

A manutenção do espaço do mesmo se dá na/pela naturalização de discursos, os quais permitem sentidos que ressoam pelo funcionamento das regularidades, mesmo que não tenham sido mencionados. É o que acontece no discurso de Oprah, pois ainda que não tenha se referido a alguns termos como “racismo”, “preconceito” e “marginalização”, esses sentidos estão presentes no discurso. Dessas regularidades emergem também efeitos de sentido que remontam às relações de poder, aos lugares sociais, aos mecanismos de controle e à disciplinarização que ditam quem pode dizer e o que pode ser dito, processo pelo qual torna o sujeito dócil e útil.

Já na ruptura está o deslocamento da posição-sujeito eu-menina-marginalizada para o lugar de poder, do qual Oprah fala. Na ruptura, há o funcionamento da dispersão, que é marcada pelo gesto de escuta e se constitui pelo lugar de fala, momento em que o sujeito se torna protagonista e fala por si, sem a voz de outrem, que pode acontecer quando o sujeito é interpelado pelo ato de resistência. O fato que marca a ruptura no discurso de Oprah é a identificação com o Eu-possível-histórico, lugar do qual ela não se descola mais.

É da posição-sujeito Eu-possível-histórico que Oprah “quer” que “todas as garotas” tenham um gesto de escuta, assim como ela teve na ocasião da celebração do primeiro homem negro, o que pode possibilitar o lugar de fala para que “todas as garotas” se constituam no Eu-possível-histórico, marcado pelo acontecimento da celebração da primeira mulher negra.

É relevante observar que as posições-sujeito não estão em batimento, uma vez que, pelos processos de identificação, o sujeito, ao assumir uma posição, abandona a outra. Desta maneira, entre as posições-sujeito, há uma relação de impenetrabilidade, à medida que funcionam para buscar o lugar de fala. Entretanto, compreendemos que não esgotamos todas as possibilidades de análise do *corpus*, uma vez que nos ocupamos apenas da análise das regularidades e das dispersões atreladas às posições-sujeito.

Referências

BOURDIEU, Pierre. (1930) **A dominação masculina**. 9. ed. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 51, 2017. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510018.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. Tradução de: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FONSECA, Márcio Alves. A preocupação com o sujeito e o poder. In: _____. **Michel Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo: EDUC, 2003. p. 22-38.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 229-249.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 1970. 5. ed. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola. 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

GARSON, Helen S. **Oprah Winfrey: a biography**. Westport: Greenwood Press, 2004.

HASHIGUTI, Simone Tiemi. **Corpo de memória**. Jundiaí: Paco, 2015.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” (de Michel Pêcheux 1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de michel pêcheux**. 3. ed. Tradução: Bethania Mariani. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 13-38.

HOOKS, Bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, set/dez. 2008.

LAGARDE, Marcela. Pacto entre mujeres sororidad. **Aportes para el Debate**, México, p. 123-135, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. São Paulo: Vozes, 1997.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: N1 Edições, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni P. Orlandi *et al.* Campinas: Editora UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de michel pêcheux**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre. et al. (Orgs.) **Papel da Memória**. Tradução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes. 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.